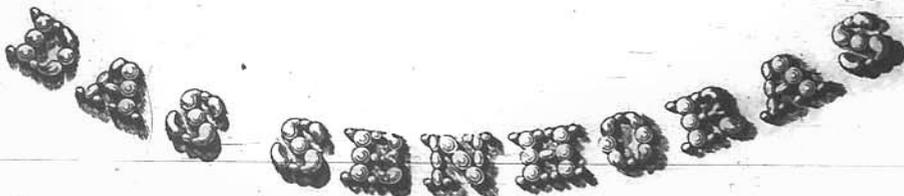


O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

∞ O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞



Onde tomais os banhos de mar?

No Botafogo?

Oh!... tendes o meu gosto; esse lugar é tão poetico... essa praia é tão amena, tão mancinho o seu mar... Como vem elle tão humilde beijar sua fina areia e lamber os pésinhos da gente! Parece que brinca, que nos afaga ao receber-nos; não é assim?

Mas eu gosto do Flamengo, me dirá outra; gosto d'esse bramir do mar encapellado, de illudir-lhe suas ondas espumantes; e banhar-me na queda encrespada do seu refluxo. Esse mar que foge a meus pés recuando ligeiro e ameaçando tragar-me em nova onda enraivecida, que me deixa vacilante sobre a areia que corre e que me faz dar uma carreirinha de medo.... oh! este mar têm um movimento que me agrada e tonifica-me os nervos. E' o banho de que eu mais gosto, e o lugar de minha predilecção.

E eu prefiro os banhos de S. Domingos de Ni-

therohy (virá uma terceira com seus embargos) ali, á beira de uma bahia extensa e bella, á vista de uma numerosa mastreação de navios magestosos, que se boloução ao despontar d'aurora sobre o arfar de um mar azul celeste, os vapores, as faluas, cruzando sobre suas aguas, onde tudo é vida e animação do levantar do dia, vamos nós em ranchinhos alegres e galhofeiros, entramos, damo-nos as mãos, e fazemos um circulo de dez ou doze moças... que de risadas que damos!... Mergulhamos todas a um tempo só, e quando surdimos fóra d'agua, soltando então as mãos para desviarinos os cabellos, olhamos umas paraas outras.... e rimo-nos... rimo-nos, até tornarmos a mergulhar outra vez: sahimos todas depois ás carreirinhas, e.... gosto muito, Christina, oh! gosto muito d'este movimento, d'essa agradável reunião que ali se faz em S. Domingos.

E com effeito assim é; todas as minhas queridas leitoras têm mãos cheias de razão: o

gosto é relativo. E como o gosto é relativo, estou que também não de querer saber qual é o meu. Pois bem, eu vou-o direi. Divirjo de todas tres : gosto de banhos de cachoeira. Embellezame o ruído estrepitoso da agua que se despenha do alto de uma rocha em grandes lençóes, que ferve, que resalta espumante para depois, mais adiante, serpentear em pequenos jorros e deslisar-se docemente... Sou capaz de olhar para um ribeiro, que rumoreja entre pedrinhas, horas esquecidas sem cançar-me ! São gostos.

Por isso as nossas duas figuras da presente estampa preferirão Diepe, uma das cidades da Normandia, para banhos.

Interpretemos a estampa.

A figura que traja roupão côr de rosa já está em Diepe ha mais tempo. A do mantelete de capuz desembarcou neste momento, e é recebida no Cães por sua amiga que a tinha vindo esperar. Ambas encaminhão-se para o hotel ; e como o chapelinho de sol é pequeno para as duas, a elegante volta o capuz do seu gracioso mantelete, e com elle resguarda a sua mimosa face de crestar-se. Não que não cabem em si de contentes.

Não temos pois grande novidade nestes dois *toilettes*, a não ser o lindo molde das mangas do roupão, que effectivamente merecem a vossa attenção, e o mantelete de capuz, o qual, além de ser mui gracioso, torna-se de grande vantagem e utilidade nas viagens de mar, e sempre que a elegante tiver de resguardar-se das intempéries do tempo.

Este mantelete portanto não é sómente moda, é um objecto necessario, sobretudo em o nosso paiz onde nos constipamos com tanta facilidade, e onde a *moda* (donde viria ella !) dos lençinhos de cambraia, que apenas cobrem a trança de cabellos que nenhuma necessidade tem de agasalhar-se, tantos defluxos e dôres de cabeça tem trazido á maior parte das moças...

Cabia bem aqui apresentar-lhes as minhas razões, pelas quaes por certo convenceria a todas as que gostão de uma *tal moda*, que ellas estão fóra do verdadeiro bom-tom, pois este senhor intelligente determina em todas as modas—a conveniencia pessoal em primeiro lugar. Mas este artigo já vai compridinho, e ainda tenho de descrever a estampa.

Descrevamol-a.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

1.^a FIGURA.—Roupão aberto de tafetá côr de rosa, deixando apparecer uma saia de caça branca de bordados soltos, a qual é presa ás bandas do roupão com alguns pontos aqui e ali, de maneira a conservar-lhe symmetricamente o serpenteado do talho e sua guarnição.

Estas bandas são enfeitadas com duas ordens de refegos de fita formando uma folhagem, igual e miuda, que se vai estreitando gradualmente até á cintura para continuar depois a enfeitar também o corpinho e as mangas.

O corpinho, posto que aberto, seu grande talho é tão precisamente artistico que pouco ou nada revela ; o peito modestamente está revestido, e ainda mais guardado pelo enfeite da camisiuha que guarnece a orla de toda a abertura.

Cintura redonda simples, com um laço de fita de selim pregado sobre a abertura da saia do roupão,

Mangas abertas e redondas, mui subtilmente presas com um passado de retroz na altura em que o refego de fita acompanhando a graciosa volta do talho vem encontrar-se em dois lados.

Por dentro destas mangas ha uma outra de filô e renda de Chantilly comprida e sem folhos.

Penteado de bandós de cabello voltado para cima juntos a uma touca, *Sirène*, de cambraia, guarnecida de dez ordens de rendinha estreita, *guipure*, e um ramo de rosas, o qual graciosamente vai fixar-se abaixo do bandó do lado direito ; do lado esquerdo apenas um laço de fita carmezim de pequenas pontas cahidas.

2.^a FIGURA.—Vestido de tarlatana branca com sete folhos continuados, recortados e guarnecidos de uma rendinha estreita de seda, que também é recortada.

Corpo afegado, cintura redonda, mangas largas e comprilas.

Mantelete-chale de capuz, de seda côr de laranja, guarnecido de duas ordens de renda preta, uma sobre outra, para formar um folho dobrado, e mais acima um estreito filete de setim preto, o qual acompanha toda a disposição do mantelete.

O capuz, não obstante fazer parte do mantelete, pôde também ser uma peça separada, se não o quizermos preso e cahido para traz ; por isso estes manteletes são feitos já com esta disposição. Mas o bom-tom que só delles usa em

viagem ou sahida á noite, prefere os de capuz pregado por ser mais conveniente e resguardar melhor.

Cattete 21 de Janeiro.

Christina.

KAROLINA

Novella polaca.

(CONTINUAÇÃO.)

UM BAILE NO PALACIO DO PRINCIPE PONIATOWSKI.

O baile que devia ter logar no palacio do principe Poniatowski era o objecto de todas as conversações de Warsovia. A mocidade adorava o principe. Gentil, amavel, generoso, accessivel, benefico, soldado valoroso e de sangue frio, general de capacidade e modesto, era a esperanza da Polonia. Presagiava-se desde já que sua immensa gloria reverteria um dia sobre toda a nação.

Luiz havia sido nomeado um dos mestres de cerimonia do baile, honra que elle tinha aceitado como um meio de se pôr em contacto com Karolina; mas esta tinha resolvido oppôr ao seu intento tanto maior reserva.

Tendo Karolina ido visitar seus pais, antes de jantar, pareceu-lhe ver alguma alteração na saude do copeiro, o qual, sendo de um temperamento sanguineo, queixou-se com effeito de atordoamento e dôres de cabeça. Despedindo-se do pai, prometteu-lhe Karolina de vir á noite vê-lo antes de ir para o baile; inquieta quizera sem duvida renunciar ao baile, mas tendo sido nomeada uma das senhoras commissarias que devião fazer as horas da recepção, era-lhe impossivel fazel-o. O principe devia chegar ás nove horas, e cumpria-lhe estar ali para o receber. A ponto de partir, uma das senhoras commissarias veio procural-a edizer-lhe que Mme. Tyszkiewicz a chamava para dispôr as quadrilhas antes da chegada do principe, o que, por assim dizer, era uma ordem que a impedia de ir ver seu pai como tencionára.

Dança da primeira polaca, formarão-se muitas mazurkas.

As quatro senhoras commissarias trajão vestidos brancos; bordados de prata, com laços

dê amarantho no corpo e nas mangas; em cada laço havia uma presilha de diamantes que correspondia ao toucado e ao collar. Este traje de côres nacionaes produzia um bello effeito. O principe dançou a primeira mazurka com Karolina, e a multidão que os cercava dizia: se o principe José é o rei do baile, Karolina é a rainha.

Nunca Karolina parecêra tão bonita e tão seductora; a sua graça deslumbra a belleza das mais bellas; todos os homens disputavão a honra de dansar com ella. Luiz, depois de muitas rogativas, obteve emfim uma valsa, mas no momento em que a orchestra dava o signal, Mme. Tysekiewicz e o principe vierão pedir á Karolina que deferisse a valsa para depois do *passo do chale*. Ora vamos, disse Mme. Tysekiewicz, valsareis de ois; dançai primeiro o *chale*, porque toda a gente o des-ja, e como sois tão boa como bonita, não vos façais rogar.

Formada uma grande roda, começou Karolina a dançar; os contornos da sua esbelta figura desenhavão-se nas dobras do seu chale de uma maneira que arrebatava; era ella tão ideal, tão castamente bella, tão modesta nas suas attitudes, aliás quasi voluptuosas, que parecia pertencer a um outro mundo; não era uma mulher, era um anjo e ao mesmo tempo uma ninfa: por muitas vezes os olhos de Karolina se encontrão com os de Leão, e neste encontro profundo e contemplativo, ella viu o que só as mulheres sabem; commovida, ajuntou suas mãos, envolveu a cabeça no chale e cabiu de joelhos. Ninguém comprehendeu este lance, que todos attribuirão a um dos caprichos desta dança de imaginação, mas de todos os cantos da sala reberão estrondosos applausos.

Fugindo a estes bravos e a tantos gritos de admiração, foi Karolina refugiar-se n'um gabinete onde Mme. Tyszkiewicz, a Camarista e Leão, se preparavão para jogar as cartas. Arranjados os parceiros, foi Karolina assentar-se em um pequeno divan que estava collocado ao pé dos jogadores, em frente á um espelho. E apenas ali, veio Luiz reclamar a valsa que ella lhe tinha promettido.

— Ah! deixai-me pelo amor de Deus, lhe disse Karolina: não quero dançar mais, sinto-me triste de morte; não tendo podido ir á casa de meu pai antes do baile, estou na maior inquietação.

— Pois eu vou, respondeu Luiz, e antes de um quarto de hora vos trarei noticias suas.

Por um movimento inteiramente natural, Karolina lhe estendeu a mão, que elle beijou.

Depois que partiu Luiz, voltou Karolina para o salão afim de estar mais perto da porta da entrada; esperava-o com tanta ansiedade, que o quarto de hora lhe parecia sem fim. De repente apparece Luiz, que vinha apressado, e approximando-se de Karolina, disse: madame, sangrará a vosso pai; mas nada tem que assuste.

Como pronunciasse estas palavras com voz tremula, pensou Karolina que elle lhe occultava a verdade; e sem reflectir, e sem dar tempo para se prevenir a Leão, corre para o vestibulo e começou a chamar a sua carruagem, mas de balde, porque só ás cinco horas ella devia chegar, segundo a ordem dada aos criados.

— Não sei o que faça... disse Karolina.

— Permitti que vos acompañe, replicou Luiz, que a tinha seguido: a minha carruagem ainda está ahí.

E ambos entrando nella se dirigirão para a casa do copeiro.

Mal pensava Karolina que a sua conducta neste transe de agonias seria interpretada á má parte. Durante o trajecto tinha ella dito a Luiz: « apenas chegarmos, voltaí ao baile para annunciar a Mme. Tyszkiewicz o acontecimento que me obriga a sahir.

A Camarista julgou então que era chegado o tempo de descarregar o grande golpe: a occasião era propria, e Karolina estava comprometida.

Fingindo que estava toda attenta ao jogo, tinha visto pelo espelho que Luiz beijára a mão de Karolina, e tinha depois observado que esta sahira do gabinete após elle. Era isto mais do que bastante para dar pasto á sua maldade, e inclinando se toda maviosa para Leão, disse-lhe com mostras de pezar:

— Acautelai-vos, eugauão-vos... e em seguida accrescentou em voz alta: a felicidade ao jogo é sempre de mão agouro!

E na verdade Leão tinha ganhado toda a noite, e todo o dinheiro dos jogadores estava na sua mão.

A Camarista tivera noticias da doença do copeiro, e todavia foi a primeira a espalhar rumores offensivos á Karolina depois que ella sahira do baile.

A pretexto de se interessar ternamente por Leão, dizia-lhe:

— Sois demasiado bom; concedestes á vossa mulher demasiada liberdade; sois portanto a causa deste escandalo. Vede, sahio sem ter com-

vosco contemplação alguma; sem respeito a si mesma; o tal priminho não é mais do que uma estrategia de guerra; ha nisto pessoa mais importante. Creio que não vos será agradável que daqui a pouco vos chamem um marido comodo....

Estas ultimas palavras sobresaltarão a Leão mais do que todas as outras; e passando a percorrer todas as salas para ver se Karolina tinha effectivamente partido, e não a achando, dirige-se para a porta da sahida, desce a escada e chega abaixo no instante mesmo em que Luiz botava a cabeça de fóra do postigo para dizer ao cocheiro: A' toda a brida.

— Sabeis vós quem vai nessa carruagem? perguntou Leão a um criado que encontrára.

— Não, senhor; sei sómente que é um senhor moço com uma senhora moça.

— Sabeis para onde se dirigem?

— Creio que vão para perto do palacio real.

Sem perder tempo em mandar procurar a sua carruagem, Leão entra n'um cabriolet da praça e faz-se conduzir para casa de Luiz.

Este ainda não tinha voltado, mas Leão diz ao seu guarda roupa à hem, esperarei por elle.

Laborava Leão em uma extrema agitação: accusava Karolina, não duvidava do seu crime, mas não acertava com o cõplice: será o pfin. cipe? será Luiz? Vagava em conjecturas.... De repente abre-se a porta, e acha-se cara a cara com Luiz. Depois de todas as invectivas que podem inventar a colera e a honra ultrajada, converteu-se em uma entrevista para o dia seguinte á uma hora, no bosque de Mariemont.

— As minhas testemunhas são Estanslão Potoski e Miguel Grabowski, disse Leão.

— E as minhas, replicou Luiz, são o principe Valentim Radziwill e Miguel Brzostowski.

Acabada esta scena, voltou Luiz ao baile, e ninguem, vendo-o tão tranquillo, teria supposto o que se havia passado ent. e ambos.

Todo o resto da noite foi empregado em escrever cartas: uma ao principe José, continha a sua última vontade, e nella protestava pela innocencia de Karolina; outras aos seus padrinhos, indicava-lhes o logar da entrevista para o dia seguinte.

A' uma hora precisa Leão e Luiz estavam a póstos, mediando entre ambos a distancia de quinze passos. Luiz cahiu sem sentidos porque uma bala do seu adversario lhe entrára no peito.

Continua.



Que a sympathia seja o alicerce, a base fundamental do amor e da amizade, isso creio eu, tenho até boas razões para me convencer.

Estudai a historia intima dos affectos, analysai bem o coração humano; e vereis que os sentimentos elevados do amor e da amizade, a não estarem firmados na sympathia mal, e custosamente se poderão sustentar. Mas uma vez estabelecidos, tem uma duração eterna. Não ha conveniencias por mais imperiosas, por mais sagradas que pareçam, que sejam capazes de obstruir a carreira ao sentimento do amor, quando a sympathia o decretou.

Quanto mais pretendermos esquecer o objecto que nos seduziu, tanto mais nos hade lembrar; —depregar-se-nos-ha então com mais vigor e mais saliente por entre as trevas do esquecimento desejado. E' uma situação bem critica: uma collição entre o imperio e a vontade, uma luta entre o poder da alma e a opposição do coração, em que a final aquella tem de ceder a esta.

E' uma especie de magnetismo espirital que nos arrasta, mau grado nosso;—é forçoso accede-lhe, sob pená de sermos victimas delle...

Na historia do amor desenrolão-se paginas bem tristes e dolorosas!

A amizade por sympathia é tambem a mais duradoura, e a que verdadeiramente merece tal nome.

E como ella é robusta! como ella corre, sem receio de esfriar, por sobre os prejuizos que a sociedade tem canonisado mesmo sem o concurso de circumstancias indispensaveis para isso!..

Julia, como eu me ia espraçando por esse campo sem horisonte dos devaneios?

Voltemos ao nosso proposito.

O estado solivago é repugnante com a propria natureza. E quem ha ahí que para se deixar penetrar desfa verdade axiomatica ainda careça de uma demonstração logica?

A sociabilidade é apenas desconhecida, nas suas consequencias philanthropicas e só nellas, por esses miseraveis habitadores dos sertões e dos bosques, que ainda não tiverão a fortuna de tratar com-homens civilisados que lhes dessem a mais leve noção da sociedade culta.

Só, ninguem póde desenvolver e aperfeiçoar o espirito, nem as facultades de que somos do-

tados. Atrevemo-nos até a avançar que o homem só não póde viver, porque julgamos impossivel esse estado solivago, suppondo-o uma ficção philosophica, para da sua realidade supposta fazer sahir o contraste entre um estado de completo isolamento e o de sociedade.

O que te posso assegurar, Julia, é que quanto a mim, quando dois seres do sexo differente sympathisão um com o outro e chegam a unirse, é que o destino havia já decretado anteriormente que a vida de um fosse completada pela vida do outro. Erão realmente duas meias existencias que havião de unir-se forçosamente para acabarem uma obra incompleta...

Talvez me chames fatalista, Julia, talvez e na verdade tens razão. Mas deixa que eu o seja nisto ao menos. E' tão grato, ás vezes, deixar-se a gente levar pelas leis da fatalidade, de que se descre!...

Continua.



CHRONICA DA QUINZENA.

Maldigo a minha pena, caras leitoras, quando me lembro que me falta a poesia de Lamartine e a harmonia de Chateaubriand para esboçar chronicas, que depois de lidas uma e mil vezes, tivessesis prazer em as tornar a ler, e lhes achasses novas bellezas; a sorte assim o quiz: que lhe hei de fazer? Limitarei os meus esforços a colher uma flor aqui, outra acolá, para com ellas compôr alguns ramalhetes, baldos sem duvida de tudo quanto possa delectar-vos. Mas... vós me desculpareis, não é assim? O coração da mulher é tão me'go!... E posto que Duclos dissesse que o proprio inimigo da mulher é a propria mulher, vós desmentireis a maxima desse escriptor, severo em demasia com o nosso sexo, e provareis por vossa benevolencia que estas sete palavras — «mulher, amante, filha, «irmã, esposa, mãe, avó, exprimem tudo quanto o coração humano encerra de mais doce, «estático, sagrado, puro e ineffavel.» Assim dizia Mr. Massias.

Entremos em materia.

FESTAS.—Os Reis! na fórma de antiquissimos usos e costumes, que nunca mais os tempo, não de levar enquanto formos christãos, festejarão-se devidamente, tanto na cidade como nos seus arredores. Houverão musicas e xozes que elevarão aos ares alegres hymnos em louvor do Todó Poderoso e do Divino Mestre. Além da rua

dos Giganos, cada vez mais bella e encantadora nesses dias festivos, menos no que respeita á lama, com que a illustrissima houve por bem de a brindar, os logares que mais primárão forão Botafogo e Laranjeiras. Consta-nos, e corre como certo, que sob os auspícios do Sr. P... se organisa a sociedade para apresentarem grandes Reis de estrondo no anno de 54, se a *amarella* nos deixar chegar até então.

Domingo 16, a Confrajia da Immaculada Conceição, erecta na sua humilde capella da rua do Sabão, solemnizou a VIRGEM MARIA com grande pompa.

No mesmo dia a Ordem Terceira do Bom Jesus solemnizou com a mesma pompa a festa da casa. Na noite de sabbado 15, a rua do Sabão, desde o largo de S. Domingos até á rua dos Ourives apresentava, o espectáculo mais estupendo de fogueiras.

No mesmo domingo 16, a bordo da fragata franceza *Forte* o Sr. contra-almirante Ferrier Despointes festejou a aclamação do imperador dos Francezes com um *Te-Deum* que celebrou o capellão da fragata; a musica foi executada pela banda de bordo; depois da cerimonia religiosa, serviu-se um magnifico almoço, ao qual assistirão o encarregado de negocios de França, os membros da legação franceza, pessoas da corte e officiaes nacionaes e estrangeiros. SS. MM. o imperador e a imperatriz do Brasil, e S. M. a rainha da Grã-Bretanha forão devidamente brindadas, terminando o *toast* por um brinde—*á constante harmonia entre as nações brasileira e franceza*.—As salvas da fragata e do vapor *Catinat* forão correspondidas pelas de terra e dos nossos vasos de guerra.

Posto que não tivesse o prazer de assistir a tão esplendida festa, nem por isso deixei de elevar a minha debil voz cá do alto de Santa Thera dondê presenciei toda a função, e entusiasmaticamente gritei accionando com o meu lenço de cambraia—*Vive l'empire—Vive Louis Napoleon—Vive le retabelement de l'ordre*.—Cento e um tiros saudarão o meu entusiasmo pela nação franceza, e annunciavão elles a queda da anarchia.

No dia 18 teve logar o *Te Deum* que o Sr. Encarregado de Negocios de França mandou celebrar no Convento da Ajuda, e para o qual convidou pelos jornaes, os seus compatriotas e outras pessoas do Rio de Janeiro: esperancosa de ir gozar o prazer de uma festa popular, e de vivo enthusiasmo, envolvi-me nos meus vesti-

dos de missa, e aproveitando o convite dos jornaes, apresentei-me no Convento de N. S. da Ajuda; tomei assento em uma cadeira, das muitas que áhi collocarão; affluu gente, ehegou a guarnição da fragata com a sua excellente banda, officiaes de marinha francezes com o seu contra-almirante, a legação, alguns francezes em relação ao grande numero dos que existem á *Rio Janeiro*, muitos curiosos, e entre elles, o meu collega *Patrão da Futrica*, Coronel Polydoro, Con-elhei es Vianna e Bivar, General Cabral e outros; cantou-se o *Te Deum*, sahio a guarnição pela rua da Ajuda, rufando as caixas ao modo do tempo do Imperio, acompanhada de numeroso povo; e acabou-se a festa!..

NAUFRAGIO. Sentimos annunciar ás nossas leitoras a perda total do vapor *Affonso*: depois de salvar os desgraçados do *Ocean* e a náu *Vasco da Gama* das furibundas ondas, que ameaçavão submergil-a á vista dos dois colossos de granito, que defendem a entrada magestosa do Guanabara, depois de ter mostrado o arreganho marcial em Pernambuco, e na passagem do *Tonelero*, ainda joven, no viço de uma brilhante carreira maritima, deixando invejosos todos aquelles que o vião arfar orgulhoso zombando das vagas e dos aquillões, lá se foi enterrar na *Masambaba*, cheio de vida e de esperanças, com um joven official de marinha e dous infelizes marinheiros!

Tão infeliz, como o que lhe deu o Nome, finou-se no verdor dos annos; salvou a tantos, tantos serviços prestou, e ninguem o pôde salvar!

THEATROS. Annunciarão os jornaes, que sabbado 22 será a abertura do Provisorio em presença de SS. MM. H. com os *Martyres* de Donizetti. Esta opera merece os maiores elogios; a abertura é de effeito magico, pelo que apreciamos quando pela primeira vez foi executada no Rio de Janeiro pela defunta Phil-harmonica, e oxalá, que o desempenho desse bello spartito não cave mais uma sepultura naquelle infeliz theatro; ao menos não o devemos esperar, encarregando-se a Sra. Candiani, e os Srs. Ramonda e Gentili dos principaes papeis. Estão contractados o Sr. Ramonda e a Sra. Kastrop, que ha pouco ouvimos com satisfação na sala da Phil-Euterpe. Consta que o Sr. Gianini fóra á Europa contractar cantores e dançarinos: concebemos esperanças de termos companhias regulares lyrica e de dança, se o encarregado dessa missão não der com os burricos n'agua,

como já o fizeram uma vez, que no meu modo de entender, escolherão mais pelas caras e pelos affectos, do que pelas gargantas.

Nossos emhoras ao João Caetano, porque emfim se convenceu, de que elevar os preços de entrada e vender por mais de uma noite era uma tyrannia, que se fazia ás algibeiras, e ao bom povo fluminense, a quem tanto deve o illustre actor. Sentido Sr. João Caetano; quasi todos dizem que o Sr. não dá conta da mão; desminta tão malefica opinião, que nós, apesar de mulher, cá estamos na estacada, ou para o defender, ou para o censurar se fizer por onde, o que não é de esperar.

Rio 19 de janeiro.

Délia.



A NOBREZA NA CHINA.

Entre os chinezes, o mais antigo e o mais sabio dos povos pela sua longa experiencia, a honra da nobreza não passa aos descendentes, mas aos ascendentes. Quando um individuo, por premio do seu valor, da sua sabedoria, ou de sua virtude, é promovido á jerarchia de Mandarim, seu pai e mãe adquirem o direito, por esse mesmo facto, de gozar as mesmas honras e distincções que competem ao Mandarim. A lei suppõe que, a boa educação e os bons exemplos dados pelo pai á seu filho, e que o fizeram capaz de ser util ao estado, e tornar-se por isso digno das suas recompensas. Pelo contrario, os filhos nada gozão das distincções concedidas a seu pai; para que, diz a lei—cada um trabalhe por bem merecer da patria, sem contar com os merecimentos alheios.

(Extrauido.)

Viscondessa da....



O PERIGO DE FALAR MUITO.

Atacado por ladrões em um sitio deserto, e no momento em que ia por elles ser assassinado, o poeta *Ibrico* descobri ao longe alguns corvos que voavão: — Oh! corvos, diz elle, sereis um dia testemunhas contra os meus assassinos. Achando-se algum tempo depois os ladrões em uma feira, como vissem passar dois corvos voan-

do, um delles não se pôde conter, que não dissesse para o outro rindo-se: — Ali vão duas testemunhas do poeta *Ibrico*.— Estas palavras, ouvidas por alguém que os suspeitou de autores do assa sinio, forão bastantes para que immediatamente os denunciasse ás autoridades; e procedendo-se á sua prisão em breve confessarão a sua culpa, e receberão o bem merecido castigo de seu crime.

Archivo.



RECEITAS.

POMADA PARA FAZER CRESCER O CABELLO.

Queimem-se abelhas em um cadinho sobre o lume forte de carvão; reduza-se a pó finissimo a cinza que dellas ficar, e misture-se com oleo de nozes, ou de amendoas doces. Com esta especie de pomada esfreguem-se a miude os logares onde houver a falta de cabello, e experimentar-se-hão os seus bons efeitos.

MEIO DE ESTANCAR O SANGUE DO NARIZ.

Ha pessoas que soffrem grandes descargas de sangue pelo nariz, a ponto de custar muito a estancar-o. Desde que a hemorragia apparecer, o paciente levante logo o braço direito para o ar pondo-o mais perpendicular que puder. Conhecerá o effeito em menos de dois minutos.

CUTRA RECEITA.

Dissolva-se um pedaço de pedra lume em uma chicara d'agua e se fará aquecer moderadamente. Metta-se o nariz nesta agua fungando dentro della, e sem demora o sangue estancará.



Com este n. 4 vai uma estampa com dois figurinos de *toilettes* ligeiros